



**MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA- DIRED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**
Reconhecida pela portaria MEC/nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



ROZELENE SOARES ALKIMIN

MEMORIAS DE MINHA VIDA ESCOLAR

Ariquemes- RO
2017



ROZELENE SOARES ALKIMIN

MEMORIAS DE MINHA VIDA ESCOLAR

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB], e com o POLO de Ariquemes, como pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Professor (a) Dr^a Neide Borges Pedrosa.

Ariquemes- RO

2017

	<p>MINISTERIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA- DIRED CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA Reconhecida pela portaria MEC/nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2045 Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental</p>	
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

MEMORIAL DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DO CURSO DE PEDAGOGIA UNIR/ARIQUEMES

ROZELENE SOARES ALKIMIN

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Prof. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof^a. Dr^a Neide Borges Pedrosa.

Membro: Prof^a. Dr^a Marijane Silveira da Silva

Membro Prof^o. Dr^o Clarides Herinch de Barba

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo.

A vida, por cada milésimo de segundo que vivo, por todas as oportunidades, por todas as batalhas e por todas as conquistas.

A meus pais, Maria Fernandes Alkimin e José Soares Alkimin por serem minha fortaleza e meu amparo;

A meus filhos Kauã e Nicolly meus amores e a razão de meu sorriso;

Ao meu esposo Cleder de Carvalho pelo afeto, pela colaboração, pela paciência e críticas construtivas;

Aos meus professores desde o ensino fundamental até a universidade, por todo ensinamento e por comporem as memórias de minha vida escolar;

A todos meus familiares e amigos que de uma maneira ou de outra me ajudaram em minha trajetória de vida acadêmica, especialmente à Sebastiana de Carvalho, Marlene Alkimin, Rozeli Carvalho, Elisangela dos Santos, Odair Alkimin, William Mendes, Haroldo Figueredo e Sebastião Vieira;

A todas minhas colegas acadêmicas, especialmente, à Jaqueline Mendes, Luandra Mendes e Marijane Martins;

Aos coordenadores, secretária e tutores do curso, pela colaboração e pela força;

Às pessoas que direta e indiretamente me ajudaram de alguma forma e me causaram algum efeito positivo ou negativo, pois tudo que me move me impulsiona e me faz persistir.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. MINHA VIDA FAMILIAR	8
1.1 Fatos da vida	10
2. INICIO DA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR	12
2.1. As séries iniciais do ensino fundamental 1ª a 4ª Série	12
2.2. As séries finais do ensino fundamental 5ª a 8ª Série	15
2.3 O Ensino Médio	21
2.4 A descoberta e o encantamento	24
3. O ENSINO SUPERIOR	25
3.1 A conquista e as dificuldades	25
3.2 O curso, as disciplinas e o ensino aprendizagem	27
3.3 O estágio em sala de aula	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS	35

APRESENTAÇÃO

Este Memorial de formação, sob o título “Memórias de minha vida escolar”, relata acontecimentos marcantes ocorridos em minha trajetória de vida escolar até chegar à universidade. Citarei como referencial teórico, teorias que fundamentam fatos relativos à minha condição de estudante e a minha reflexão sobre vivências como aluna em sala de aula durante o ensino fundamental e médio. Visto que estou em processo de formação acadêmica e não tenho experiências como educadora contarei minhas experiências como aluna.

Primeiramente farei um brevê relato sobre eu e minha vida familiar e falarei sobre os fatos da vida, onde relato qual a maior dificuldade encontrada por mim desde o primário até hoje como acadêmica. Relatarei as doces lembranças do meu primário enfatizando o quanto à atenção e participação dos meus pais foi importante nessa fase da minha vida escolar.

Em seguida, narrarei episódios marcantes dos anos finais do ensino fundamental o qual relacionarei a aprendizagem daquela época com o conhecimento que adquiri atualmente estudando as disciplinas do currículo do curso de pedagogia.

Na sequência, contarei os acontecimentos e emoções, expectativas e frustrações do ensino médio, mencionarei o conhecimento adquirido com o trabalho na escola e de que forma surgiu nesse contexto a vontade de ser professora enfatizando à descoberta e o encantamento pela profissão.

Descreverei como aconteceu a tão esperada oportunidade de cursar pedagogia e os obstáculos encontrados ao longo do percurso do curso. Sequencialmente descreverei algumas apreciações desse curso de Pedagogia e minhas expectativas ao me tornar educadora e a minha visão sobre metodologia de ensino aprendizagem.

Finalmente contarei a emoção do estágio em sala de aula e o aprendizado e as experiências que motivaram eu prosseguir na graduação.

Nas considerações finais, falo dos sonhos para o futuro, os planos de me especializar em uma área da educação que para mim é bem mais que um desejo, passou a ser uma necessidade. Por fim faço o resumo de minhas memórias memoráveis referente à minha vida escolar.

1. MINHA VIDA FAMILIAR

Meu nome é Rozelene Soares Alkimin, nasci na cidade de São Paulo, no ano de 1981, aos três anos de idade vim com meus pais e meus irmãos morar no estado de Rondônia. Meus pais, fugindo da violência da cidade e da periculosidade de educar seis filhos menores na favela da Vila Prudente na Capital de São Paulo e esperançosos em conquistar um pedaço de terra para cultivar, vieram arriscando a sorte para a cidade de Ariquemes-RO tentar a vida na roça em meados dos anos 1984. Não me recordo bem claramente dessa época, más ouço as histórias que meus pais contam sobre as aventuras da “Família Alkimin” nos trilhos da vida.

[...] resgatar histórias de vida permite vãos bem amplos, possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados como pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de luta de acatamento, de resistência, de resignação e criação. (VASCONCELOS, 2003, p. 09).

Meus pais sempre foram lavradores e desde a infância trabalharam nas lavouras de algodão e soja no estado do Paraná onde cresceram, casaram e tiveram quatro de meus irmãos, depois com o avanço industrial e o processo de mecanização das terras do campo, tiveram que ir tentar a vida na cidade e foram morar na capital da cidade de São Paulo, pois era onde havia maior oportunidade de emprego na época.

A eliminação progressiva da pequena propriedade na estrutura fundiária brasileira, verificada especialmente a partir dos anos 1960, contribuiu para formação dos grandes centros urbanos por meio do que se convencionou chamar de êxodo rural. Conforme o censo demográfico de 2000, 81,22% da população brasileira reside na zona urbana. Esse processo de concentração populacional tem suas raízes nos anos de 1960 e 1970: De acordo com os censos do IBGE, na década de 1930 cerca de 13 milhões de pessoas trocaram o campo pela cidade; nos dez anos seguintes, esse número se elevou para 15,5 milhões. Tudo indica que desde 1970, quando a população rural passou a ser minoritária, até os dias de hoje, mais de 40 milhões de brasileiros migraram do campo para a zona urbana (GONÇALVES, 2001, p. 174).

Meu pai trabalhou alguns anos como funcionário de uma empresa privada em uma indústria de alpargatas e nesse período aproveitou para estudar e concluiu o primário. Minha mãe cuidava dos filhos e conciliava o tempo trabalhando em casa e em um pequeno bar que funcionava em um cômodo de nossa casa, na infância ela havia cursado apenas a segunda série do ensino fundamental e teve que parar de estudar para trabalhar. Depois de adulta, casada e com muitas outras responsabilidades e dificuldades de frequentar a escola, ela não se interessou mais nos estudos.

Mesmo morando na cidade e conseguindo sobreviver, meus pais, sempre sonharam em voltar a morar na zona rural. Influenciados pela notícia de colonização do estado de Rondônia e distribuição de terras pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) se motivaram a vim embora para Rondônia.

Chegando à Rondônia, a labuta não foram fáceis, meus pais, humildes e batalhadores trabalharam de meeiro em terras arrendadas ou fazendo diárias de serviços braçais em terras alheias para sustentar a família, durante anos.

Após alguns anos de persistência conseguimos o tão sonhado lote de terra aproximadamente 250 quilômetros da cidade Ariquemes no então denominado Projeto Cujubim, que estava em processo de loteamento e distribuição de terras pelo INCRA. Então viemos morar em Cujubim.

Foi um período de transição muito difícil, Cujubim era um pequeno povoado sem nenhum tipo de recurso e infraestrutura. A população da área rural em geral sofria muito com as dificuldades de locomoção e deslocamento, pois não havia estrada, apenas carreadores e raros meios de transporte, naquela época tudo que alguém necessitasse fazer precisava se deslocar até a cidade de Ariquemes. O pior pesadelo era a “Malária” que atacou toda minha família e a população de Cujubim em geral, por um longo período. Segundo BRASIL, (2005), a malária é uma doença infecciosa, febril, parasitária causada por protozoários do gênero plasmodium com transmissão direta pela fêmea do mosquito anophleles. Recordo o quanto eu e meus irmãos e meus pais ficávamos debilitados em consequência dos sintomas dessa doença, minha mãe gerou problemas no fígado, órgão mais atingido pela malária, devido a inúmeras vezes que contraiu a doença.

O progresso foi chegando bem lentamente à cidade de Cujubim, as dificuldades dos moradores foram se amenizando. Atualmente essa cidade ainda é um município pouco desenvolvido, porém, eu gosto de morar aqui nessa cidadezinha simples e pacata.

Eu e meus irmãos crescemos na roça sempre ajudando meus pais no plantio e colheita de lavouras, até o momento, apenas um irmão conseguiu cursar uma faculdade, é professor, os outros desistiram no ensino fundamental por causa do trabalho árduo da roça e as dificuldades de conciliar estudo com trabalho e os problemas financeiros de arcar com os gastos de estudar na cidade.

1.1 Fatos da Vida

Eu estou com 35 anos de idade, tenho um filho de onze anos e uma filha de um ano de idade, moro com meu esposo e meus filhos no sítio, no qual, trabalhamos e tiramos nosso sustento. Atualmente estou em período de afastamento do meu emprego de funcionária pública municipal por motivos de força maior. Eu Consegui estudar e chegar à universidade trilhando um longo caminho e superando alguns obstáculos que contarei a seguir.

Uma das maiores barreiras encontradas em minha trajetória de vida pessoal e escolar foi e continua sendo a dificuldade de falar em público e me expressar claramente sem que o nervosismo e a timidez interfiram na minha desenvoltura. Desde o ensino fundamental e médio sempre fui à aluna tímida de poucas amizades ausente das apresentações e distante de atividades de dialogo em equipe. Ainda adulta julgo-me uma pessoa reservada e de poucas palavras.

Refletindo hoje sobre minha vida escolar posso analisar que a maioria das experiências escolares que vivi como aluna era percebível uma estrutura escolar em que o professor era dotado como “o dono do saber absoluto”, cabia a ele ensinar e ao aluno aprender, impor e o aluno aceitar sem questionar. Um aprendizado mecanicista fundamentado em teorias e métodos tradicionais no qual se visava à memorização de conteúdos e regras com o objetivo de se obter notas com o propósito final de aprovação e reprovação para serie seguinte. Raramente se via um professor trabalhar com uma práxis pedagógica inovadora e preocupar-se com a formação emancipatória do aluno.

Minha criação e educação em casa não foram diferentes, meus pais sistemáticos, advindos de um sistema de criação tradicional, conservador de pouco diálogo e convivência social, criando filhos submissos com limites e regras pra tudo e em tudo, impondo ensinamentos no qual não permitiam questionamentos e contradições.

Provavelmente a falta de conhecimentos e de oportunidades de construção de conhecimentos tenha ocasionado essa dificuldade de me expressar e interagir socialmente e isso afetaram direta e indiretamente a minha vida escolar e pessoal. Por muito tempo fiquei a margem do conhecimento construtivo, crítico e reflexivo. Ausente das novas tecnologias de informação e comunicação, sem conhecer interagir e agir frente aos novos conceitos de modernidade.

Não julgo as atitudes de meus pais, nem a dos meus professores, sou grata por tudo que me fizeram e me deram e por terem me ensinado valores e princípios de vida. Entendo que naquela época o sistema educacional implicava seguir tais metodologias de ensino. Acredito que algumas famílias ainda eram muito conservadoras e que norteavam suas práticas de criação e educação dos filhos baseados nas concepções e tradições de família. O modo sob o qual educava os filhos era a maneira que eles haviam vivido e aprendido com seus antepassados. Na verdade fico muito emotiva e compadecida ao ouvir as dolorosas histórias de vivências de meus pais e os acontecimentos de sofrimento e submissões a qual foram submetidos desde a infância pelos meus avós e pela sociedade. Não tiveram a oportunidade de ser criança, de brincar, muito menos de estudar. Apenas trabalharam e trabalharam e seus sonhos foram sendo esquecidos e dados como impossíveis. Eles tentaram fazer o que acharam que era o melhor por mim e pelos meus irmãos e conseguiram, sempre tivemos o necessário para sobrevivência em família: amor, respeito e comida na panela e o privilégio de ser criança brincar e ser feliz.

Em se tratando de educação escolar, até o primário estudei com alegria e sonhos. Na minha adolescência o excesso de preocupação e proteção de meus pais me privou de estudar na idade prevista para concluir o ensino fundamental e médio e talvez tenha tardado minhas habilidades e conceitos para vivência na sociedade atual, mas por outro lado, me preservou das armadilhas e contradições que acontecem nessa fase eufórica da vida do ser humano e por isso sou muito agradecida a eles.

Olhando por outro lado, recordando a meu passado e comparando-o com a atual realidade e vendo os absurdos reais que ocorrem com as crianças e adolescentes da atualidade, vejo o quanto foi valiosa minha educação, percebo que com o que me aconteceu ganhei mais tempo sendo criança, fui ser adolescente depois dos dezoito anos, já consciente de minhas escolhas e entendedora do certo e do errado, me tornei adulta depois que casei e tive um filho especial e a partir daí comecei a realmente conhecer as

adversidades e responsabilidades da vida. O mais louvável é que hoje ainda tenho a oportunidade de voltar a estudar e idealizar e realizar meus sonhos e isso é o que realmente importa.

Muitos fatos memoráveis e bons exemplos guardo daquela época. Hoje são novos tempos, novos paradigmas e novos conceitos de educação, criação e cultura. A modernidade científica e tecnológica trouxe vários avanços para a sociedade e as constantes inovações influencia direta e indiretamente a maneira de pensar e de agir do ser humano.

2. INICIO DA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

2.1 As séries iniciais do ensino fundamental 1ª a 4ª Série

Minha trajetória estudantil iniciou no de 1988, não cursei o pré-escolar, entrei diretamente na primeira série do ensino fundamental, aos sete anos de idade, na Escola Raul Leoni, na zona rural da cidade de Ariquemes – RO, ainda recordo com carinho da simpática professora na primeira série senhora Janete Ferreira da Costa sempre carinhosa e paciente com os alunos. Ela me ensinou a escrever as primeiras letras e ler as primeiras palavras. Eu gostava de ir para a escola e ia todos os dias com meu irmão Ademir de mãos dadas brincando pelo caminho.

No ano de 1989 meus pais decidiram vir morar no projeto Cujubim – RO. Na época que chegamos a Cujubim, não havia nenhuma escola próxima à região onde morávamos e as crianças da redondeza estavam fora da escola. Somente anos depois a Escola Carlos Drummond de Andrade, pertencente à cidade de Ariquemes, começou a funcionar na igrejinha da comunidade: um pequeno barraco cercado e coberto de tabuas lascadas, um pequeno quadro negro na parede, as mesas e cadeiras foram feitas de madeira rustica pelos pais dos alunos, não havia nenhuma espécie de materiais escolar, material didático e pedagógico, nem merenda escolar, apenas havia a vontade de estudar dos alunos e a coragem e a determinação do jovem professor Juarez Lúcio Mendes de se responsabilizar pelo ensino escolar de crianças sem obter nenhum tipo de suporte e condições adequadas para melhor contribuir no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Era visível a alegria estampada no rosto dos pais dos alunos ao ver seus filhos na escola e a admiração e respeito que tinham pelo professor.

Foram anos difíceis, mas muito felizes. Meus pais realizaram o sonho de ter uma terra para plantar e colher e dela tirar o sustento da família, eu e meus irmãos trabalhávamos na lavoura até o meio dia e a tarde ia correndo para a escola, estudar pra nós era algo motivador e prazeroso. Na volta da escola para casa vínhamos brincando com os coleguinhas de pique-esconde, pega-pega e pendurando nos cipós das arvores para se balançar e tantas outras brincadeiras que inventávamos e brinquedos imaginários que brincávamos.

Recordo-me com saudades das séries iniciais do ensino fundamental, foram anos de minha infância que guardo as boas recordações até hoje. As mais doces lembranças são as de minha mãe segurando a lamparina toda noite para eu e meu irmão fazermos as tarefas de casa e as vezes que meu pai me ensinava a resolver problemas e continhas matemáticas utilizando caroços de café e quando escrevíamos riscando no chão com um pedacinho de pau praticando cálculos e ortografia. Lembro-me que quando o professor pedia para fazer uma redação na escola eu adorava descrever as histórias que papai me contava na roça enquanto trabalhávamos na lavoura. São lembranças de como meus pais foram fundamentais no início da minha vida escolar. Era de grande contentamento estudar e mostrar a eles minhas atividades no caderno, tirar boas notas e contar pra eles, de sentarmos a noite no terreiro e conversarmos a respeito de como havia sido a aula oque eu havia aprendido. Meus pais estavam sempre presentes em minha vida familiar e escolar nos anos iniciais do ensino fundamental, e isso fez toda diferença no meu desenvolvimento intelectual, conforme diz Polônia (2007, p. 12), que tanto os pais como a escola:

[...] são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social.

Com o passar dos anos construiu-se um prédio próprio para funcionar a escola na região e essa passou a se chamar “Escola Municipal Mineiros” pertencente ao município de Rio Crespo-RO, era uma escola simples e ofertava ensino escolar de primeira a quarta série do ensino fundamental, o professor Juarez Lucio Mendes continuou a lecionar e foi meu professor durante todo o primário. Ele é um excelente profissional o qual admiro seu trabalho até hoje e sou muito grata a ele, pois a base de tudo que sei sobre leitura, escrita e cálculos aprendi com ele. No primário ele era um

professor simpático e alegre e ao mesmo tempo rígido e autoritário, quando falava todos permanecia em silêncio em suas aulas, e os que desobedeciam ficavam de castigo e levava um bilhete de reclamação de mau comportamento para os pais. Naquela época, na tendência pedagógica tradicional, o professor era o detentor do conhecimento. Lembro-me de ter que decorar muitas perguntas das disciplinas de Ciências e Estudo Sociais, aprender regras ortográficas, gramática da disciplina de Português e saber de cor e salteada a tabuada nas aulas de Matemática.

[...] a perspectiva ‘tradicional’ atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo. (ZABALA, 1998, p. 89).

O sistema avaliativo era muito rígido, a média para ser aprovado em uma disciplina eram sete pontos e era aplicada uma prova objetiva valendo dez pontos. E de vez em quando o professor surpreendia a turma com ditados e provas orais. Para muitos colegas de turma, prova era sinônimo de lágrimas e desespero.

[...] a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar. (LIBÂNEO, 1994, p.195).

Lembro-me de ficar tensa nos dias de prova e estudar muito, porque sempre queria tirar boas notas, pois não me permitia ficar para recuperação e sempre ganhava notas boas porque tinha facilidade de apreender os conteúdos que permeavam o currículo do primário e compreender o processo de ensino aprendizagem das séries iniciais do ensino fundamental, porém havia alguns alunos que tinham muitas dificuldades em fazer as atividades aplicadas pelo professor em sala de aula e não realizavam as tarefas de casa, isso acontecia não por falta de vontade ou interesse do aluno em fazer as atividades, era porque realmente eles não entendiam o conteúdo e não compreendiam as explicações do professor, portanto não aprendiam satisfatoriamente.

Geralmente o professor é sobrecarregado de tarefas e necessita exercer várias funções na escola, recordo-me que meu professor lecionava ao mesmo tempo para

várias turmas do primário em uma mesma sala de aula, na hora do recreio fazia merenda com ajuda de alunas maiores, eu mesma já ajudei fazer merendas e a lavar as louças na escola, era muito legal! O professor ainda organizava e zelava da sala de aula e ainda tinha tempo de ensinar! Nossa quanta eficiência! É notável que desse modo não sobre tempo para planejar e explicar individualmente o conteúdo aplicado para o aluno que apresentava maior dificuldade de assimilação das atividades, necessariamente fazia-se uma revisão, prosseguia com novos conteúdos e nesse contexto o aluno ficava perdido em meio a tantas informações. Segundo Soares (2005) “exigir de todos os alunos a mesma atuação, é um caminho improdutivo, cada um é diferente, com seu próprio tempo lógico e psicológico e cada um tem uma maneira específica de lidar com o conhecimento”. Realmente cada aluno tem uma maneira única e específica de aprender e absorver o conhecimento, portanto o educador necessita está atento às especificidades de cada aluno.

Atualmente o professor continua a desempenhar varias funções na escola e apesar de ter conquistado um tempo para planejar suas aulas ele ainda está cada vez mais sobrecarregado de responsabilidades educacionais tanto intelectuais quanto sociais, pois alguns pais depositam no professor a tarefa de educar seus filhos integralmente, esquecendo-se de sua grande parcela de responsabilidade para com a educação dos mesmos, e se o aprendizado da criança não flui conforme o esperado, os pais colocam a culpa na escola principalmente nos professores.

2.2 As séries finais do ensino fundamental 5ª a 8ª Série

Terminei o primário com êxito no ano de 1993. Meus pais e eu estávamos muito felizes. Porem uma tristeza enorme me invadira. Eu tinha apenas doze anos de idade e vira meus sonhos de estudar sendo interrompido, não podia mais estudar, pois só havia ensino fundamental a partir da quinta série na cidade e por ser muito longe não tínhamos condições de frequentar a escola. Os anos se passaram e eu fiquei ali parada no tempo esperando a escola que ofertava ensino escolar de quinta a oitava série do ensino fundamental chegar à zona rural, e quando ela finalmente chegou, renovou minhas esperanças, porém me causou a maior frustração que podia ter na época. Meus pais que tanto me apoiavam na infância agora me proibiam de voltar a estudar. Pois queriam me preservar das coisas que julgavam acontecer na escola, pois as aulas eram no período

noturno e a escola ficava longe de minha casa e se fazia necessário ir com o ônibus escolar e chegar tarde da noite em casa. Mas no ano de 2001 eu decidi que ia voltar a estudar e conversei com meus pais e eles compreenderam. Porém era notável a insatisfação deles. Isso foi me deixando triste e desmotivada nos estudos, eu queria estudar, mas queria que eles me apoiassem e ficassem felizes por mim, isso não acontecia, mesmo assim continuei firme e concluí a oitava série do ensino fundamental no ano de 2004 com muita luta.

Percebe-se que muitos pais colocam seus filhos na escola e não participam da vida escolar deles. Isso é muitas vezes, fator determinante para a desmotivação da criança nos estudos e causa da evasão escolar, de acordo com Maldonado:

[...] todavia, se a família coloca-a na escola e não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar. (MALDONADO, 2002, p. 20).

Foram quatro longos anos, um período de muito aprendizado na minha vida. Com o aumento da clientela, escolar acabou-se as aulas do período noturno e a escola começou a ofertar aulas de 5ª a 8ª séries no período vespertino. Então eu trabalhava na roça no período matutino e saía de casa ao meio dia e voltava às dezenove horas. Os primeiros dias as aulas eram entediantes e os professores pareciam distantes dos alunos. Eu tímida e de difícil amizade ficava envolvida nos livros e passava o tempo vago na sala decorando meu caderno. Não conseguia me identificar com nenhum grupo dos adolescentes da escola e demorei muito tempo para enturmar na sala de aula. Fazia minhas atividades individualmente e tinha bons resultados aos poucos os professores começaram a aproximar de mim e os alunos começaram a interagir comigo, nos anos seguintes foi surpreendente estudar na Escola Municipal de Ensino Fundamental 23 de Março.

Desde a quinta a oitava série, a maioria dos professores usava a metodologia de ensino segundo a pedagogia tradicional, principalmente nas aulas de História, Geografia e Ciências, tudo se resumia em leitura de capítulos e capítulos de textos e depois responder o questionário do livro didático. Eu odiava as aulas dessas disciplinas, primeiro porque os conteúdos eram desinteressantes e o professor não se importava em explicar, segundo porque aulas eram conturbadas com muitas conversas paralelas e

bagunça na sala de aula. Era difícil manter a turma disciplinada em uma sala quente e superlotada com alunos adolescentes, a maioria desmotivada e desinteressada em estudar. As provas eram arrepiantes: uma folha com dez ou quinze perguntas para responder conforme estava descrito no livro didático, segundo Alves (2000, p. 29).

[...] claro que há respostas certas e erradas, o equívoco está em ensinar ao aluno que é disto que as ciências, o saber, a vida são feitas [...] E com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas. Espero que haja um dia em que os alunos serão avaliados também pela ousadia de seus vãos!...Pois, isto também é conhecimento.

Às vezes os alunos são mesmos impedidos de *ousar voos*, pois não são permitidos a questionar sobre a forma de como as aulas acontecem, como o conteúdo é aplicado ou sugerir alguma coisa que foge ao cronograma da aula planejada. O professor fica tão focado no seu planejamento que sufoca os conhecimentos prévios do aluno e sem notar desperdiça a grande oportunidade de trocar conhecimentos um com o outro.

Por outro lado, alguns professores, principalmente algumas das professoras de língua portuguesa da quinta a oitava série tinha um jeito inovador de ensinar que cativava a atenção dos alunos que realmente queriam aprender, os conteúdos programáticos eram sempre a sequência do livro didático, porém ela explicava de forma bem clara e objetiva. Propunha aos alunos produção de textos referentes à rotina familiar e escolar, sonhos e planos que os alunos tinham para o futuro, ensinava gramática e corrigia os erros ortográficos através de letras musicais, peças teatrais, coisas que realmente chamava a atenção dos alunos e ensinava de uma maneira que assimilávamos o conteúdo, suas aulas eram interessantes e com muito diálogo, ela sempre ouvia os alunos e dava espaço para os alunos conversarem e exporem suas opiniões. Relembrando o que a professora ensinava em língua portuguesa, já dizia Freire (1996, p. 62) “aprender a ler e escrever, já não é, pois memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da língua”. Geralmente os alunos aprendem a ler e a escrever, mas encontram dificuldades de decodificar as sílabas, de produzir textos e interpretar as diversas formas de linguagem.

Apesar de nessa época eu gostar das aulas de língua portuguesa eu não consegui cultivar o hábito de ler. Primeiramente porque na minha infância ninguém costumava ler

livros e na minha casa nem tinha livros. Recordo-me de minha mãe lendo a bíblia e os folhetos de culto que pegávamos aos domingos na igreja. Também nas escolas que estudei o ensino fundamental não havia biblioteca, apenas fazíamos leitura dos textos dos livros didáticos. No ensino médio lembro-me de ter uma pequena biblioteca, entretanto poucas vezes pra olhar, pois o acesso era meio restrito, levar um livro para ler em casa sempre tinha toda aquela burocracia e um curto prazo para ser devolvido e como eu não disponibilizava de muito tempo para leitura eu nem pegava livro emprestado. Hoje cursando a faculdade eu sinto as consequências dessa minha falta de compromisso com a leitura e percebo o quanto as teorias e o conhecimento dos livros me fazem falta.

Continuando o meu relato sobre as aulas, recordo que a professora da disciplina de matemática se esforçava para explicar o conteúdo e eu prestava atenção, porém na sétima e oitava série, aquelas expressões numéricas, equações, álgebras e todo conteúdo envolvendo aquele emaranhado de símbolos, sinais e letras misturado em meio aos números me deixava confusa e eu desenvolvi certa antipatia por matemática. Até hoje eu e a Matemática temos um relacionamento meio hostil. Confesso que comecei a me aproximar dela quando estudei no curso de Pedagogia a disciplina de Matemática para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, é incrível como gostei de realizar as atividades de cálculos comuns, jogos e confecção de figuras geométricas. Os autores Diniz e Cândido (2007, p.11), ressaltam que “quando bem planejado e elaborado, o trabalho com jogos, sobretudo nas aulas de matemática pode auxiliar para que habilidades como observação, análise, reflexão, tomada de decisão, levantamento de hipótese, busca de suposições, argumentação e organização, que se encontram estreitamente relacionadas ao raciocínio lógico sejam desenvolvidas”. Nesse sentido, a maneira de como e de que forma se trabalha matemática em sala de aula desperta o interesse do aluno pela disciplina e conseqüentemente o ensino e o aprendizado fluem com harmonia.

As outras disciplinas. Artes, Inglês, Educação Religiosa, Educação Física e Técnicas Agrícolas faziam parte dos componentes curriculares da escola, mas eram tão chatas que tenho poucas recordações. Exceto, das aulas práticas de educação física na época dos jogos escolares. Recordo que os alunos ficavam alvoroçados para participarem das competições, mas a escola não oferecia infraestrutura adequada para treinos e não havia um profissional que dedicasse a treinar os alunos. Portanto a única

categoria na qual tínhamos possibilidade de competir era no futebol de campo masculino e feminino.

Eu gostava de jogar bola e treinava com as meninas porém não podia participar das competições municipais entre outras escolas por estar fora da faixa etária de idade. Isso era frustrante, e eu pensava que a vida havia me tirado a chance de viver aqueles momentos que pareciam tão intensos e me privado de ter lembranças daquela época de euforia dos jogos escolares, mas tenho muitas outras recordações daquele tempo que nunca me esquecerei.

Sempre eram muito marcantes as viagens a caminho da escola. No período chuvoso as estradas ficavam em péssimas condições de trafegar e quando chovia muito o ônibus escolar ficava escarranchado nos morros e os alunos tinham que descer do ônibus e empurrá-lo para que subisse o morro. Outras vezes tínhamos que chegar a escola a pé, sujos de lama, pois o ônibus havia quebrado em alguma ribanceira, outras vezes ao voltar para casa já anoitecendo o ônibus velho estragava e os alunos vinham andando para casa cerca de vinte quilômetros. Era sempre cansativo, porém divertidos, vínhamos cantarolando pela estrada afora pés descalços na lama e passando nas casas a beira da estrada para tomar água na intenção de ganhar algo para comer.

Era interessante o quanto nos divertíamos com as coisas simples, brincávamos com brinquedos achados na natureza como chutar bola de coco, fazer bolinhas de barro, correr com cavalo de pau, brincadeiras de faz de conta, de um seguir a pegada do outro no chão molhado para ficar apenas um rastro de pegada na estrada. Que coisa! Hoje vejo que esses pequenos detalhes foram tecendo episódios da minha história nos caminhos da escola e hoje fazem parte de minhas lembranças memoráveis. Recordo-me de tudo isso e relaciono com a disciplina de recreação e jogos que adorei estudar no curso de Pedagogia, pois compreendi a quanto é importante, o brincar o brinquedo e a brincadeira na vida da criança e no contexto da educação escolar, pois desperta a imaginação e a criatividade facilita a socialização entre os indivíduos e gera conhecimentos que vão nos constituindo como seres dotados de história e cultura e nos ensinando a respeitar as heterogeneidades étnicas, sociais e culturais um do outro.

Cursando os anos finais do ensino fundamental, me recordo de fatos que naquela época parecia ser acontecimentos normais no processo de ensino aprendizagem, porém me deixava incomodada e hoje me fazem refletir: eu nunca reprovei de série/ano escolar durante o ensino fundamental e médio, recordo que alguns alunos eram reprovados

anualmente sempre nas mesmas disciplinas às vezes por faltar um décimo de ponto para atingir a nota de aprovação. Isso me deixava tão intrigada e pensava: “nossa, ter que estudar um ano inteiro e no final ser reprovado em uma disciplina! Por causa de uma resposta mal formulada ou um cálculo errado ou um momento de nervosismo. Que horror! De que vale tanto esforço para se ter êxito nas demais disciplinas, tanta vontade de aprender e ser um bom aluno, tanto sacrifício para frequentar a escola os duzentos dias letivos e isso nem ser levado em consideração”.

O pior de tudo é que as providências tomadas pelos professores e diretores eram sempre as mesmas e sem resultados positivos: o aluno reprovado era visto como “aquele que não aprende, o desinteressado em estudar”. Isso ocasionava constrangimento ao aluno e outras vezes era motivo de desistência dos estudos e abandono escolar. Lembro que no decorrer das aulas, sempre havia aqueles alunos que no ponto de vista dos outros alunos e dos professores não queriam estudar e fazia de tudo atrapalhar a aula, este, era retirado da sala e levado para a sala da direção para ser punido. Os outros alunos ficavam ressabiados, alguns zombavam. Eu ficava sentida vendo aquela situação. Percebia que o aluno estava de alguma forma pedindo socorro, pois tinha dificuldades na aprendizagem do conteúdo e não queria ser retido na disciplina nem fracassar nos estudos, mas era difícil para os professores que estavam sempre cansados e sobrecarregados, detectar essa situação e tomar providências.

[...] as causas de fracasso escolar são várias e nem sempre fáceis de determinar, um aluno pode fracassar, muitas vezes, não só em consequência de uma causa, mas de várias, formando verdadeiro complexo de circunstâncias que lhe prejudicam os estudos. (NÉRICE, 1999, p.526).

Falando em fracasso escolar e dificuldades de aprendizagem, recordo-me da disciplina de Psicologia da Educação a qual achei muito interessante estudar, pois ensina como acontece o aprendizado das crianças. A partir daí começo a entender que na escola há crianças que não conseguem assimilar com êxito o conteúdo aplicado pelo professor e quando suas dúvidas não são compreendidas eles fazem alguma coisa para chamar atenção em sala de aula. Outros sofrem de déficit de atenção ou hiperatividade (TDAH) e precisam de mais atenção e dedicação por parte dos educadores e da família, o ensino aprendizado destes alunos requer ser feito de uma maneira cuidadosa para que ele tenha desenvoltura no processo ensino aprendizagem e com isso evitar a evasão escolar.

Conclui o ensino fundamental com êxito. Teve cerimônia de colação de grau e meus pais estavam presentes e felizes por eu ter conseguido vencer mais uma etapa dos meus estudos. Recordo-me como se fosse hoje do comentário que meu pai fez quando conversávamos no outro dia pós-formatura: “Oh, oitava série tão esperada, foi uma conquista e com ela certamente aconteceram tantas outras coisas...” Fiz um simples poema com base nas palavras dele:

“Oh, ensino fundamental que tanto sonhei, por ti muito tempo esperei, finalmente o sonho realizei! Foram tantos acontecimentos, tantos sentimentos, tantas coisas que vivenciei. Principalmente nos quatro últimos anos, foram tantos planos, tantas lembranças que comigo guardarei.”

Foi nesses anos de estudo, que aprendi um pouco de tudo, mas da vida quase nada! Pela primeira vez, fiz o que todo aluno já fez, escrevi meu nome na carteira da escola, matei aula para ficar atoa do lado de fora e passei cola da prova errada.

Meus professores sempre respeitei, boas notas tirei e nunca fui

reprovada. Como qualquer outra adolescente, de uma ou outra disciplina eu não gostava, mas estudava, não fui nerd nem inteligente, apenas muito esforçada.

Fiz muitas amizades, tive amigos de verdade e até um grande amor. Vivi fatos que me deixaram saudades e alguns outros relatos que vão sendo esquecidos pela metade, mas todos tiveram seu valor.

Séries finais do ensino fundamental, nada comparado, nada igual! Tudo foi tão intenso, tão inusitado, hoje sinto um prazer imenso, detê-la cursado. Quinta, sexta, sétima e oitava séries fundamentais, não te esquecerei jamais!”

2.3 O Ensino Médio

Ao concluir o ensino fundamental eu estava decidida a ingressar no ensino médio. Porém essa etapa de ensino só era ofertada na zona urbana na única escola estadual do município. Então mais uma vez tive que contrariar meu pai que não gostava dessa ideia de eu ir estudar sozinha e longe de casa, nessa época minha mãe já estava acostumada com minha teimosia. Eu saía todos os dias às cinco horas da manhã de casa e caminhava até a estrada principal e pegava o ônibus escolar que levava os alunos para estudar na cidade. As aulas iniciavam às sete horas e quinze minutos e na maioria das vezes eu sempre perdia a primeira aula, pois o ônibus chegava atrasado devido o

percurso muito extenso. As aulas terminavam às onze horas e trinta minutos, porém eu chegava em casa às quinze horas pois enfrentava as mesmas dificuldades do ensino fundamental em relação ao transporte escolar nas estradas em más condições de trafegar.

Cursar o primeiro ano do ensino médio foi meio desmotivante. Ouviam teorias de que o ensino escolar ofertado pela rede estadual de ensino era diferente, porém na prática era notável que a escola também seguia a tendência pedagógica tradicional. Conforme cita os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

[...] a metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição de conteúdo, numa sequência predeterminada e fixa independentemente do contexto escolar; enfatizava-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. (BRASIL, 1997, v. 1, p. 39)

Pois, recordo-me das aulas chatas de história, geografia e sociologia, em que o professor só pedia para que os alunos fizessem resumo do capítulo do livro didático sem ao menos explicar sucintamente o que e como seria o tal resumo. Nas Aulas de língua portuguesa, a professora observava mais a grafia dos alunos do que o desenvolvimento das atividades. Aulas tensas de matemática muitos cálculos e expressões cada vez mais complicadas e para piorar havia aulas de química e física com aquelas fórmulas que para mim pareciam enigmáticas. As outras disciplinas não me recordo bem claramente, lembro que a forma como as atividades e conteúdos eram abordados no processo ensino aprendizagem, era diferente do que LIBÂNEO (1994, p.182) conceitua sobre os princípios básicos do ensino:

Assentar-se na unidade ensino-aprendizagem - ou seja, na prática:
esclarecer os alunos sobre os objetivos das aulas, a importância dos conhecimentos para a sequência do estudo; provocar a explicitação da contradição entre ideias e experiências; oferecer condições didáticas para o aluno aprender independentemente; estimular o aluno a defender seus pontos de vista e conviver com o diferente; propor tarefas que exercitem o pensamento e soluções criativas; criar situações didáticas que ofereçam aplicar conteúdos em situações novas; aplicar os métodos de soluções de problemas. Garantir a solidez dos conhecimentos.

O aluno anseia aprender conteúdos interessantes, almeja aulas criativas para adquirir conhecimentos que o torne capaz de compreender e agir perante a sociedade e o mundo a sua volta. Nessa fase eu já sonhava em cursar uma faculdade futuramente e esperava por um ensino aprendizagem que me preparasse nesse sentido.

O fato que mais me marcou nesse período é que presenciei vários episódios de discriminação e rejeição entre alunos. Eu não estava acostumada a tais acontecimentos e senti isso na pele, meu grupo de colegas de classe era chamado de “alunos da roça, atrasados” etc etc, pois, devido eu e meus colegas passarmos longas horas viajando dentro de um ônibus velho e empoeirado chegávamos na escola atrasados e na maioria das vezes meio sujos de poeira outras vezes sujos de barro e aquilo não era mais normal aos olhos dos outros alunos, como era anteriormente no ensino fundamental, percebia então que umas alunas “patricinhas da cidade” que estudava na mesma sala que eu ficavam nos olhando com rejeição e falavam mau da gente entre elas. Isso afetava o relacionamento afetivo e social entre nós, porém eu estava focada a aprender coisas novas e aprendi a conviver com aquela situação.

Nesse período casei e fui morar na cidade com meu esposo, ficou mais fácil ir para a escola, logo engravidei e tive um filho especial no início do ano de 2005. Dai em diante minha vida teve uma grande revolução e ao invés de querer estudar e compreender as transformações do mundo eu queria apenas entender o grande desafio que a vida estava me impondo: ser mãe de um filho especial, sem ter nenhuma noção da grande responsabilidade que deveria ter e sem nenhuma experiência.

Devido às necessidades e precariedade na área da saúde na cidade onde moro, fui morar na cidade de Porto Velho em busca de diagnóstico e tratamento do meu filho. A saúde e tratamento dele passou a ser prioridade em minha vida e estudar era meio complicado devido à falta de tempo e eu confesso que havia perdido o interesse em estudar naquele período. Eu estava diariamente com ele em hospitais, clínicas especializada e casas de assistência a crianças portadoras de necessidades especiais.

Nessa ocasião frequentei com meu filho a Associação Pestalozzi da cidade de Porto Velho que é uma instituição filantrópica que oferece tratamento clínico e educacional a pessoas portadoras de necessidades especiais. Nesse período ele ainda não estava em idade escolar, contudo, fez tratamento clínico de fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e recebeu e consultas médicas com especialistas que trabalham na associação Pestalozzi. Tenho total respeito e admiração por todos

profissionais que trabalham nessa instituição pela seriedade e competência do seu trabalho em âmbito educacional e clínico, também pela dedicação e o trabalho maravilhoso que voluntários e especialistas desenvolvem, dando suporte psicológico e emocional as famílias que convivem na instituição.

Em meio a tantas turbulências veio à oportunidade de cursar o segundo e terceiro ano do ensino médio através da EJA – Educação de Jovens e Adultos na Escola de Ensino Fundamental e Médio John Kennedy na cidade de Porto Velho-RO no ano de 2007. Na EJA, o sistema de ensino da escola para mim foi favorável: professores compreensivos, aulas rápidas, provas subjetivas e conteúdos resumidos. Quando era necessário levava meu filho comigo para a escola e dentro de poucos meses eu havia concluído o ensino médio. Por outro lado, percebo hoje, o quanto “deixei de aprender” estudando através da EJA e pelo meu descompromisso com a aprendizagem. Vejo quanto à falta de aquisição dos conhecimentos de sociologia, filosofia, literatura e outras disciplinas essenciais que permeiam o currículo do ensino médio estão fazendo falta. No momento em que cursava a EJA, pouco me interessava à aquisição de conhecimentos, eu estava mais interessada no certificado de conclusão do ensino médio. Depois planejava parar de estudar e me dedicar inteiramente aos cuidados do meu filho.

2.4 A descoberta e o encantamento

Depois de poucos progressos no tratamento de meu filho e muitas preocupações e frustrações a respeito do diagnóstico e tratamento dele, vivi um período de aceitação e decisão, então voltei morar na zona rural da cidade de Cujubim. Dois anos depois, comecei a trabalhar como auxiliar de secretaria escolar, justo na mesma escola que cursei os anos finais do ensino fundamental e tive a oportunidade de trabalhar com alguns dos profissionais que haviam sido meus professores. Foi nesse contexto que cresceu a minha admiração pelos profissionais da educação e despertou em mim a vontade de cursar pedagogia e lecionar aulas, pois achava encantadora a arte de ensinar e ver o carinho dos alunos com os professores.

Somente convivendo entremeio a rotina diária dos professores eu pude perceber a quão árdua e emocionante era sua tarefa: eles também trilhavam o mesmo longo e sofrido trajeto para chegar até a escola, dentro de um ônibus escolar enfrentando chuvas ou poeiras e estradas ruins, ficavam ali o dia inteiro, a maioria faziam suas refeições na

escola e só retornava aos seus lares anoitecendo e de madrugada estavam novamente a caminho da escola. O fato mais marcante desse relato é que quando eu estava apenas na condição de estudante eu não enxergava o lado pessoal, o lado ser humano do professor, achava normal eles estarem ali sorridente e disposto a lecionar e achava estranho quando estavam mal humorados e desanimados. Não via todo o esforço para estarem ali em sala de aula cumprindo seu papel de educador. Agora trabalhando diariamente e participando do processo educativo eu compreendia a complexidade da tarefa dos profissionais daquela escola e a grande batalha que enfrentaram para se formarem em educadores e a luta que travavam diariamente para estarem ali naquela escola desempenhando sua função na educação. Entendi que não era nada fácil trabalhar em um espaço sem infraestrutura adequada, sem material didático disponível, sem recursos financeiros, sem suporte pedagógico, enfrentado todos os problemas educacionais sociais e climáticos da época. Vejo que foram e são verdadeiros guerreiros, orgulham em serem professores, tem muito amor pela profissão e honram o mérito de serem profissionais da educação.

No mesmo ano em que comecei a trabalhar, a escola mudou para outra linha e funcionava em novas instalações, prédio novo, mais salas de aula e mais espaço, aumentou o numero de profissionais trabalhando e a clientela escolar aumentava a cada ano. Eu na minha simples função aprendia cada dia uma lição e fui me apaixonando pelo ramo da educação. Mesmo vendo o quão difícil era ser professor, eu via que tinha algo magico nessa profissão! Pois apesar de toda dificuldade, por trás de cada esforço tinha o lado motivador, o lado alegre e gratificante: o carinho do aluno para com o professor, a emoção do professore ao vê-lo aprendendo cada dia mais e o orgulho de ter contribuído em seu aprendizado e fazer parte de suas conquistas. Foi nesse contexto que senti a necessidade voltar a estudar e despertou o desejo de cursar Pedagogia e me tornar professora.

3. O ENSINO SUPERIOR

3.1 A conquista e as dificuldades

Na cidade onde moro Cujubim-RO, não há universidade até a presente data, as únicas opções para quem almeja fazer um curso de nível superior é se deslocar todos

dias para Ariquemes ou cidades vizinhas para cursar uma faculdade particular. Ou fazer cursos a distância com aulas via internet e provas presenciais uma vez ao mês. As duas opções eram totalmente inviáveis. Pois as condições financeiras e familiares não davam suporte para me encorajar a enfrentar esse tipo de desafio.

O tempo foi passando e na escola onde estudei o ensino fundamental e agora trabalhava, havia conhecido professores que fizeram cursos à distância em universidades públicas, e me interessei. Então ao conversar sobre meu sonho de fazer um curso de nível superior, um amigo me inscreveu no vestibular da Universidade Aberta do Brasil (UaB) oferecido pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e eu fiz a prova para o curso de Pedagogia e fui aprovada.

Mal sabia eu das batalhas que vinha a travar pela frente. Vieram as aulas e com elas muitas dificuldades, no início eu não tinha contato algum com o mundo das tecnologias de informação e comunicação e na primeira aula ficou bem claro que para fazer o curso à distância eu necessitaria ter acesso à internet e aprender as noções básicas de informática. Essa foi a primeira questão que me faria desistir, a segunda questão veio em seguida, eu não disponibilizava de condições financeiras para me deslocar até ao polo da UNIR em Ariquemes a cada vinte dias e arcar com despesas de transporte, comida e poso na cidade, juntamente com essa veio a questão familiar: esposo e filho, casa e trabalho, era difícil conciliar tudo. Então eu fiquei desmotivada. Não havia como resolver todos esses obstáculos.

Por muitas vezes pensei em desistir, mas fui levando, às vezes quando dava certo de eu ir à cidade eu ia à lan house e fazia alguma atividade, quando possível, eu fazia impressão das apostilas disponibilizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), uma página da internet na qual os professores disponibilizam material de estudo para os alunos fazerem online, e possivelmente ia fazer provas presenciais no polo UNIR Ariquemes. Minhas idas e vindas e precisando sempre de uma ou outra pessoa pra me ajudar a cuidar do meu filho enquanto eu estava em horário de estudo foi ocasionando conflitos no meu casamento e conseqüentemente estudar se tornou desanimador e frustrante. Desisti. Então foi aí que aconteceu o inesperado. A universidade entrou em período de greve por um longo tempo. Esse tempo foi fundamental para a situação se tranquilizar e para eu repensar minhas escolhas. Então quando o curso recomeçou eu estava decidida que iria continuar a estudar e tentar superar algumas das dificuldades que infelizmente continuaram.

Nesse intermeio comecei a estudar um curso técnico em secretaria escolar oferecido pela secretaria de educação do município de Cujubim, felizmente aprendi as noções básicas de informática praticando no meu trabalho, isso facilitou muito o meu desempenho para realização das atividades do curso de pedagogia, contudo, por morar em área rural e sem acesso à internet, ficava impossível acessar frequentemente a plataforma de estudos e eu acabava por perder as datas de realização e postagens de muitas atividades. Sempre por motivos de força maior às vezes não havia condições de eu ir realizar as provas e em reuniões no POLO UaB/UNIR/ Ariquemes, isso me deixava meio que a margem das novidades e informações a respeito da turma e do curso. No entanto, sou grata a todos os professores, tutores e coordenadores do curso que me deram uma segunda chance de fazer as provas e atividades e as minhas colegas acadêmicas que me apoiaram e me ajudaram quando possível.

Estou seguindo adiante confiante que tudo dará certo no final. Um dia terei lembranças dessa época de noites em claro para fazer as atividades, de madrugadas silenciosas lendo apostilas e material de estudo e de todos os momentos pelo qual estou vivenciando fazendo esse memorial em meio a tantas recordações, imprevistos, obstáculos e emoções que surgem na vida particular de qualquer pessoa.

3.2 O curso, as disciplinas e o ensino aprendizagem

Como já relatei acima, as aulas desse curso de Pedagogia eram semipresenciais, as provas presenciais, a maioria das atividades eram realizadas e postadas no ambiente virtual de aprendizagem os debates e fóruns online.

As disciplinas ofertadas mensalmente e o período de encerramento estabelecido conforme a carga horária de cada disciplina. O material de estudo, apostilas, e vídeos aulas disponibilizado na plataforma virtual. As atividades referentes a cada disciplina elaboradas com data de abertura e fechamento, devendo ser realizada e postada dentro do prazo de encerramento, determinado pelo professor e coordenador do curso. Nos dias de provas presenciais realizadas no polo UaB UNIR em Ariquemes, cada acadêmico assinava seu nome na lista de presença referente a disciplina cursada para a coordenação do curso ter o controle de frequência dos acadêmicos.

Estudar a distancia exige muita dedicação e determinação por parte do estudante. O educando deve estar constantemente pesquisando e buscando o

conhecimento em livros e nos meios de comunicação e informação. Há um professor e um tutor a distancia para ensinar e mediar o conhecimento online, um tutor presencial para colaborar nos trabalhos e postagens das atividades, uma coordenadora e secretaria no polo para oferecer suporte e informações a respeito do curso e muito outros profissionais envolvidos que trabalham com eficiência para que tudo ocorra perfeitamente.

As disciplinas do currículo do curso de pedagogia abordam conteúdos explicativos com fundamentados de teóricos e especialistas na área da educação, focando na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, dando ênfase a conceitos, teorias e metodologias inovadoras que conceituam as novas tendências pedagógicas e as exigências do ensino escolar na sociedade moderna.

Vale ressaltar que no currículo do curso de Pedagogia estudei as disciplinas de LIBRAS e Educação Especial eu me interessei muito, obtive um conhecimento valioso a respeito do ensino aprendizagem das crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, porem, os conteúdos dão maior ênfase ao ensino aprendizagem das crianças portadoras de déficit de atenção ou hiperatividade (TDAH) e não se aprofundam muito em outras especificidades da área. Acredito que o curso de Pedagogia deveria ofertar mais disciplinas voltadas ao estudo desse assunto e expandir em todas as dimensões promovendo referencial, pesquisas e estágios supervisionados aos acadêmicos, visto que existe um grande numero de crianças portadoras de necessidades educacionais especiais nas escolas e são poucos os profissionais da educação habilitados para trabalhar com esses alunos. Entretanto cabe ao acadêmico aprofundar seus conhecimento e tornar um pesquisador sobre o tema.

Alguns dos autores que mais contribuíram no meu aprendizado, com a sabedoria de suas obras, e suas teorias estavam presentes nas apostilas e material de estudo e pesquisas são: Paulo Freire, Jose Carlos Libâneo, Levi Vygotsky, Jean Piaget, Dermeval Saviani entre outros autores importantes que contribuem para a construção da formação do conhecimento pedagógico do acadêmico. Estudado um pouco sobre as teorias educacionais desses especialistas, pude compreender as dimensões que pode alcançar a educação escolar e a complexidade envolvida no processo de ensino aprendizagem, bem como o poder transformador de uma ação pedagógica critica e emancipadora.

É fundamental que na minha condição de estudante com o desejo de me tornar educadora e exercer a missão de educar eu me torne uma pesquisadora crítica e reflexiva na busca por embasamentos teóricos eficazes para a construção e reconstrução de minha prática pedagógica. Para posteriormente, quando professora, ensinar aos meus alunos. Para tanta devo me atualizar com as conjunturas mais coesivas com a minha atualidade, pois pretendo trabalhar dando visibilidade às possibilidades de ensinar e aprender no processo educativo, viabilizando e mediando os conhecimentos para contribuir na formação emancipatória dos sujeitos para que sejam pessoas do bem, ativos, críticos e reflexivos, capazes de agir frente às transformações da sociedade e do mundo a sua volta, cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, conhecedores de seus direitos e deveres.

Gostaria de ser educadora assim como escreveu Paulo Freire, e ver a educação como prática da liberdade sem receio de sonhar, de voar com as próprias asas e lançar voos rumo ao conhecimento em busca de experiências, de construção da própria identidade e assim escrever a própria história de vida.

3.3 O estágio em sala de aula

As disciplinas de Estágio Supervisionado em Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foram fundamentais para que eu tivesse a certeza que estou fazendo a coisa certa e realmente estou trilhando um caminho rumo à profissão que me faz sentir feliz e realizada.

A minha primeira experiência de estágio foi observando crianças na faixa etária entre um a dois a nos de idade, no berçário da Escola Municipal de Educação Infantil Raio de Luz, localizada no município de Cujubim-RO. O primeiro dia de observação, compareci na escola meio tensa e intimidada, imaginando o que poderia presenciar. Nossa como foi surpreendente! Jamais imaginara que ministrar aulas para criancinhas seria daquela maneira: as aulas se resumiam em cuidados físicos e brincadeiras. Para Vigotski, (1982, p.154) “a brincadeira surge em função da insuficiência das reações inatas da criança para a realização de tarefas complexas vitais, ou seja, por causa da inadaptação”. Brincando as crianças aprendiam os princípios básicos de socialização e interação umas com as outras. Que encantador! As crianças demonstravam tanto respeito e tanto carinho pela professora e pela monitora quanto elas pelas crianças: assistiam

vídeos infantis de desenhos e musicais, cantavam, dançavam, brincavam e se divertiam. Raramente se via um choro ou uma intriga entre as crianças, quando acontecia, rapidamente a professora intervia, explicava e contornava o desentendimento com tanta sabedoria e paciência que fazia inveja aos meus olhos. No fim das brincadeiras as educadoras davam banho nas crianças, as alimentavam e as crianças dormiam como anjinhos. Nos dias seguintes que estagiei as crianças já interagiam comigo e eu ajudava com os cuidados físicos delas e participava das brincadeiras.

Nessa fase da educação infantil, percebe-se que se prioriza muito “o cuidar” e o ensino aprendizagem acontece naturalmente em meio aos cuidados e brincadeiras.

É preciso garantir que as crianças, sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender a brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na Educação Infantil e no ensino Fundamental e que saibamos, em ambos, ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes (BRASIL, 2007, p. 20).

Realizei a segunda etapa do estágio no pré-escolar. Uma sala com alunos entre três e quatro anos de idade. Ao observar a professora trabalhando em sala de aula pude notar a diferença na metodologia de ensino da professora e no modo de aprendizagem dos alunos. Naquele momento os alunos já iniciavam o processo de alfabetização silábica e aprendiam as primeiras noções matemáticas e valores sociais. As aulas eram desenvolvidas com materiais confeccionados pela professora e alunos, jogos pedagógicos e brincadeiras em sala de aula que tinha como propósito a socialização e interação entre alunos. Notei que naquela faixa etária de idade as crianças eram mais agitadas e exigiam muito mais dedicação e atenção por parte da professora, pois a todo o momento questionavam e faziam perguntas sobre e a respeito de tudo. A professora cobrava a disciplina em horário de aula e tinha o domínio da turma ao desenvolver as atividades em sala de aula e brincadeiras recreativas.

Na minha regência tanto no berçário quanto no pré-escolar desenvolvi atividades com base na didática metodológica utilizada pelas professoras, trabalhei conteúdos que desenvolvem a coordenação motora e cognitiva da criança e atividades que contribuem para a socialização e interação entre alunos. Foram dias emocionantes e de muito aprendizado. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, pag. 22), “Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus

profissionais”. Essas considerações são notáveis, pois cada criança tem seu jeito particular de se expressar de agir e tem seus conhecimentos prévios a respeito de uma ou outra atividade ou brincadeira. Portanto os profissionais educadores devem estar atentos a essas particularidades e conhecimentos prévios para conciliar as diferenças pacificamente.

Na terceira etapa do estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental 23 de Março. Fiz observação e regência em sala de aula nas turmas de primeiro ao quinto ano do ensino fundamental.

Ao iniciar o estágio minha grande expectativa era ver chegar esse dia: Ficava imaginando eu em uma sala com um monte de crianças todas agitadas falando ao mesmo tempo e fazendo inúmeras perguntas. Confesso que isso me assustava, pois várias vezes já havia presenciado momentos de desespero de professores com alunos indisciplinados em sala de aula, então eu ficava matutando e estudando meios para contornar esse tipo de situação, pois já previa que esses episódios poderiam acontecer em sala de aula nos dias de meu estágio. E realmente aconteceu. Foram dias difíceis e eu estava ansiosa e meio nervosa, porém obtive resultados gratificantes e muito aprendizado. Tive a colaboração dos profissionais da escola e dos professores regentes, então desenvolvi as etapas do estagio e realizei a regência em sala de aula de maneira satisfatória.

Nesse percurso pude presenciar momentos que foram construtores de conhecimentos que servirão como experiências para futuramente desenvolver meu trabalho como educadora. Através da observação percebe-se o quanto é emocionante a árdua tarefa de estar no papel de professor e desempenhar varias funções ao mesmo tempo, ter nas mãos a responsabilidade de mediar o conhecimento e contribuir para que crianças cresçam e se desenvolvam social e intelectualmente e prezar para que se tornem cidadãos livres e conscientes de seus direitos e deveres nessa nossa sociedade moderna e exigente.

Também realizei estagio na gestão escolar na Escola Municipal de Ensino Fundamental 23 de Março e pude compreender um pouco mais da complexidade do trabalho dos profissionais que administram a escola e cuidam do ambiente escolar para que as ações educativas ocorram em todo âmbito escolar entre gestores, professores, funcionários, alunos e comunidade escolar, todos prezando para oferecer uma educação de melhor qualidade para os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meus sonhos de infância sempre foi ter uma família onde todos me amassem e eu amasse a todos e vivêssemos em paz com o necessário para nossa sobrevivência, realmente tenho e sou muito grata. Estudar, fazer um curso de nível superior e ser educadora também era um sonho. Estou quase realizando esse sonho! Aleluia! Então posso sonhar adiante...

Finalizando o curso de Pedagogia Habilitação para Docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sonho fazer uma especialização em Educação Especial.

Como já mencionei acima, tenho um filho portador de necessidade especial diagnosticado como PC - Paralisia Cerebral. Ele esta em idade escolar, já frequentou a escola na qual eu trabalhava, por três anos, e era eu quem o acompanhava em sua rotina na escola, às vezes ele ficava na sala de aula com a professora regente da turma em que ele estava matriculado e na maioria das vezes ficava comigo no meu trabalho na sala da secretaria escolar, por causa e consequência, de alguns acontecimentos inevitáveis do cotidiano de uma criança portadora de necessidades educacionais especiais.

No momento ele não está mais frequentando a escola, devido eu ter necessitado afastar-me do meu serviço por ter tido uma filha com problemas renais e ela está em processo de tratamento cirúrgico. Em consequência da minha ausência ficou inviável ele ir sozinho no ônibus escolar para a escola e frequentar aulas, pois até o momento a escola não disponibilizou uma pessoa responsável e capacitada para cuidar dele e zelar por suas necessidades físicas e emocionais durante o período em que ele estiver no ambiente escolar.

Desejo muito que meu filho frequente a escola, se desenvolva intelectualmente dentro de suas possibilidades e se socialize com as pessoas do ambiente escolar. Para tanto, isso exige da escola, professores habilitados em educação especial, profissionais experientes em trabalhar com a especificidade do caso de cada criança, pessoas que respeitem as limitações e compreendam as necessidades dos alunos especiais, prezando pelo seu bem estar físico emocional e social. Porém, a uma grande carência de

profissionais habilitados nessa área da educação trabalhando nas escolas públicas, principalmente no lugar onde moro.

Infelizmente há pessoas que ainda ignoram o fato de crianças especiais frequentarem ambientes ditos como para “pessoas normais”, eu como mãe de um filho especial presencio fatos desse tipo constantemente em minha rotina nos lugares públicos e privados e na vivência diariamente com ele em meio à sociedade.

Portanto, pretendo fazer uma especialização na área de Educação Especial porque sou motivada a cada dia convivendo e aprendendo com meu filho. Diante dessas vivências sinto o desejo de me tornar educadora nessa área para adquirir novos conhecimentos e assim melhor contribuir no desenvolvimento dele, também, me especializando, posso trabalhar com outras crianças especiais e ajudar as mães dessas crianças que, assim como eu, querem ver seus filhos convivendo socialmente e seguros, se sentindo bem e felizes dentro de suas limitações sem sofrer discriminação.

O sonho de fazer pós-graduação em Educação Especial será mais uma batalha que terei que travar com os estudos e concilia-as com as batalhas que já vivo diariamente, mas sei que valerá pena cada esforço e as recompensas serão gratificantes.

Termino por aqui este memorial o qual busquei apresentar um conjunto de fatos e reflexões com objetivo de tecer uma análise sobre o processo de formação percorrida até o presente momento.

Em primeiro momento relatei as vivências dos anos iniciais do ensino fundamental no qual tenho doces lembranças de minha infância, em seguida descrevo os anos finais do ensino fundamental um período de muitas descobertas, posteriormente falo sobre o ensino médio e por fim argumento sobre os meus primeiros passos na vida acadêmica trilhando os caminhos da Universidade Aberta do Brasil e seguindo os passos da Educação a Distância rumo a formação de Licenciatura em Pedagogia – habilitação para educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Esse memorial é uma reflexão de minhas próprias vivências enquanto aluna e enquanto trilha os caminhos para a formação como profissional da educação. Relembrando, posso analisar a minha trajetória escolar, pensar sobre os fatos que constituíram meus conhecimentos, os educadores que contribuíram para meu desenvolvimento intelectual e social, posso refletir sobre o que, como e de que forma poderei futuramente exercer a função de educadora escolar e desenvolver um trabalho no qual posso contribuir pela qualidade da educação escolar.

Recordando e escrevendo aqui minhas memórias de vida desde meus primeiros passos a caminho da escola, percorrendo os caminhos da educação escolar para chegar a universidade, almejando alcançar a formação acadêmica. Percebo que há tantas memórias das outras histórias de vida, mas nenhuma tão interessante quanto a história da batalha e conquista da educação. Porém, quando penso que finalmente cheguei ao fim do meu percurso com a conquista da graduação, vejo que agora que cheguei ao começo. Ainda há tantos caminhos a percorrer! Tantos obstáculos a superar! Tantos planos pra se fazer! Tanto conhecimento a buscar! A estrada da educação nunca chegará ao fim, pois aprendi que quanto mais se aprende, mais se quer aprender, quanto mais se busca pelo conhecimento maior é a procura pelo desconhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2000.

BRASIL. *Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental*. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 1.

_____. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Saúde, 2005. *Manual de Diagnóstico Laboratorial da malária* disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/malaria_diag_manual_final.pdf> acesso em: 18/11/2017.

COSTA, Roseli Araújo Barros; GONÇALVES, Tadeu Oliver. *Histórias de vidas de professores: apontamentos teóricos*. Revista Espaço Acadêmico, n. 64, set. 2006.

DINIZ, Maria Inez; CÂNDIDO, Patrícia. *Os jogos nas aulas de matemática*. In: *Jogos Matemática de 1º ano ao 5º*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Alfredo José. *Migrações internas: Evoluções e desafios*. *Estudos Avançados*. São Paulo, v.15, n.43, set./dez.2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. 2ª edição.

MALDONADO, M. T. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem no sentir*. São Paulo: Saraiva, 2002.

NÉRICE, Imídio G. *Introdução a Didática Geral*. 16 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999.

POLONIA, Ana da Costa. *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano*. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007. Disponível em www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36a03.pdf acessado em: 22 de setembro de 2017.

SOARES, D.C.R. – *O Cérebro x Aprendizagem*. 2005. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrl D=656> acessado em: 15 de setembro de 2017.

Vasconcelos, Geni A. Nader (Org.) *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 2ª edição.

VYGOTSKY, Levi. 1982. *Obras Escolhidas: problemas de psicologia geral*. Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 387 p. UNI revista - Vol. 1, nº 2 : (abril 2006).

ZABALA, Antoni. *As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. A prática educativa: como ensinar*. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.